

**AVELINO FOSCOLO**

# **O SEMEADOR**

**Drama em tres actos**

**MINAS  
BELLO HORIZONTE  
1921**

AVELINO FOSCOLO

# *O Semeador*

Drama social em tres actos

Representado por vezes no Rio e S. Paulo

Segunda edição correcta e melhorada pelo autor.

MINAS  
BELLO HORIZONTE  
1921

# O SEMEADOR

## Personagens

Julio  
Coronel  
Lima  
Roberto  
Alfredo  
Lulú  
Pai Manuel  
Laura  
Camponeses

# O Semeador

-----  
**Drama em tres actos**  
-----

## **Acto primeiro**

*O theatro representa o terreiro de uma fazenda*

SCENA I

*Camponeses cantam e dançam*

J. LIMA - Que diacho de cantarola é essa? Querem fazer agora domingo a semana inteira, de cabo a rabo?

ROBERTO - Hoje é dia de folga, o seu João e o patrão deo a rapaziada ordem para se divertir, enquanto esperamos a chegada de seu Julio.

LIMA - Já sei, já sei; mas o divertimento a que o compadre se referia era, com certeza, irem adornando a estrada com arcos de bambú e filas de bananeiras, flores de pau d'arco e sempre lustrosa para o rapaz ver o bom gosto do sertanejo, não é assim compadre?

CORONEL - Assim seria si se tratasse de um comprovinciano; o rapaz; porem, apanhado na Europa na rêde da grande hecatombe, illudido pela miragem de gloria ou por outra que não consegui desvendar, foi voluntário, combateo, soffreo e acabou prisioneiro no seio dessa Russia mysteriosa que nos enche de pavor! Deve trazer a alma bem entenebrecida e indifferente a folguedos.

LIMA - Isso que diz pode bem ser, mas cada qual enterra o pae conforme pode e de vez que não temos as luxurias da cidade lhe offerecemos um agrado bem nosso. Pra encurtar razão; cada qual da o que tem.

ROBERTO - O que elle ha de encontrar e com desvanecimento por certo è a alegria de uma franca recepção, como lembrança de um saudoso affecto a quem se conservou tanto tempo ausente.

CORONEL - E isso exprime mais do que as espetaculosas manifestações de apreço.

LIMA - Seja assim; mas a ociosidade è mãe de todos os vícios e bom será que vocês, enquanto esperam, vão se divertindo por ahi a descascar milho, a limpar a ceva, a varrer o terreirio, qualquer distracção innocente, porque hoje não é dia santo e vocês já pegaram o grude do compadre: quem deve paga.

CORONEL - Mas eu é que lhes quero dar o feriado. Vão por ahi, campo fóra e logo que o rapaz chegue me tragam a boa nova. (Sahem).

## SCENA II

### *João Lima e Coronel*

LIMA - Ora muito bem, seu compadre, está vamoncê inchado como um perú por ter um filho lido e corrido, com a sabença e a pratica do mundo; cá pro velho isso vale pouco. Eu preferia que elle trouxesse boas pelegas, por que, para encurtar razão, tanto tens quanto vales.

CORONEL - Tambem eu presto ao dinheirio o culto que merece e sobejas p'rovas lhe dei quando pedio a mão de minha filha, sua sobrinha materna; embora amigos e minha esposa me dissuadissem de tal união que julgavam nefasta, sobracei impecilhos e accedi a uma aspiração augmentando a fortuna da nossa casa. Teria esse consorcio contribuido, como pensam para a prematura morte de sua irmã e o exilio voluntario de meu Julio?

LIMA - Historias, compadre! Quem se guia por cego ou cabeça de mulher cahe no atoleiro. Si minha sogra existisse havia de estar garbosa por ver como a arvore das patacas fructifica lá em casa. Pra encurtar razão: o arame é que puxa o mundo.

CORONEL - Bem o sei e nenhuma censura me cabe. Tenho feito sempre prosperar esses campos. A braço com a questão social, com os maus pastores que invadem o rebanho, apesar da vigilancia do Estado, não desanimei um só instante e podemos dizer com orgulho que os homens livres dos nossos sertões são um prolongamento disciplinado dos escravos de outrora. Aqui trabalha-se, como se sabe, de sol a sol e os

preguiçosos e os invalidos são eliminados para não contaminarem a boa semente.

LIMA - A arvore que não dá fructo deve ser cortada: É da biblia.

CORONEL - Embora não o quizesse confessar, bem que animadora a condição financeira da fazenda, eu via o espectro da crise a voejar sobre a nossa lavoura, em consequência mais de processos rotineiros do que da apregoada falta de braços. Pensei que o meu rapaz talvez podesse trazer novos processos de alem-mar e lhe escrevi insistentemente para que voltasse, esquecesse o passado, e elle ahi vem, cortido de soffrimentos, quiçá, mas rico de conhecimentos que nos servirão de certo.

LIMA - Qual conhecimentos e qual carapuça: o direito, seu compadre, é botar machado na matta, enxada na terra e milho na cova. Tanto corre o cego como o coxo.

CORONEL - Tambem assim pensava: era um escravo da velha rotina... foi ainda o meu Julio com a sua intelligencia precoce que me fez sentir em cartas quão mais sensato seria plantar sempre no mesmo terreno, bem adubado, bem revolvido, sem as despesas, as penas e os prejuizos que dá a derrubada selvagem das florestas.

LIMA - É muito bonito! mas me dêem bastante mato virgem para roçar, botar fogo e plantar e fiquem vocês com os seus arados, capinadores, tractores e outras invenções que, pra encurtar razão, só servem para consumir o cobre da gente.

CORONEL - Que sabemos, jungidos a um conservatismo feroz? A experiência do velho mundo, os resultados obtidos por outros povos não são a garantia de exito? Assim pensando, repito, insisti que voltasse e lhe forneci os meios.

LIMA - Gastou um dinheirão com a vinda do filho prodigo que o deixou como um ingrato, desfalcou a herança de minha mulher e de seus netos!

CORONEL - Não lastimo a despesa: sinto a magoa que devia crucial-o ao meu silencio de annos, ao agonioso martyrio dos campos de batalha e de prisão. E agora, de volta, com a instrucção que lhe sobeja poderá assumir o leme deste barco.

LIMA - Deus queira que torça as orelhas depois e não deem sangue. Esses rapazolazas com as taes innovações são capazes de botar o mundo de pernas p'ro ar.

CORONEL - Infeliz na experiencia pouco perderia. Tenho haveres que me põem a coberto de miseria; minha filha e meus netos. graças ao seu tino administrativo, nada podem temer do futuro... Preciso descançar um pouco, reanimar a luz que bruxoleia.

LIMA - Ah! maganão quer cahir na pandega, então? E zangam-se quando dizem que os velhos teem tanto juizo como as creanças! Ahi está o senhor meu sogro projectando entregar uma fazenda destas a um fedelho que só tem prática de viagens para ir desbaratar no deboche a herança de seus netos.

CORONEL - Não é assim, compadre. Entregando ao rapaz a direcção das terras deixo-lhe aquillo que delle é por parte materna e, si fôr infeliz, será o único prejudicado tambem!

### SCENA III

*Os mesmos Roberto e Alfredo*

ROBERTO - Seu Coronel, os trabalhadores resolveram trazer o doutor numa cadeirinha carregada por todos.

LIMA - Ideia supimpa, não ha duvida, e que me traz uma lembrança dos saudosos tempos da escravidão... prova de humildade demonstrando os bons instinctos do povo dos campos.

ROBERTO - Desejamos, também, que o mestre-escola lhe dirija uma saudação em nosso nome.

CORONEL - Approvo tudo do imo d'alma, pois sei ser essa demonstração filha da sinceridade de vossos corações.

ALFREDO - Desculpar-me-á certamente por me eximir da tarefa: não ou orador e julgo que após uma viagem fatigante e longos annos de ausencia, o espirito aneia pela soledade e o silencio, a recordação, que é saudade também, no antigo scenario da infancia.

LIMA - Bem o percebo, seu mestre-escola, do que você tem medo é da sabença do rapaz que andou lá pelas europas e deve ter mais cousa na cachola do que o nosso vigario, que não é nenhuma besta quadrada.

ALFREDO - V.S. descobriu o X do problema, sr. João Lima: é essa justamente a cousa que me inibe de arengar as massas.

CORONEL - Também eu desejo essa recepção tão singela quão sincera, pois julgo que ser-lhe-á mais agradável rever aqui a cor local dos tempos infantis.

ROBERTO - Mas de o carregarmos nos braços, de dar muitos vivas ninguém nos pode impedir. Já colloquei de promptidão, estrada a fóra, todo o pessoal e apenas espipoque um foguete iremos todos ao encontro do filho prodigo.

LIMA - Sim, soltem bombas, foguetes, o diabo, como se fosse um levantamento de mastro. E o Lulú que não apparece? Anda por ahi com certeza a armar fojos para pegar capivaras: gosta de uma capivara que se lambe todo, o ladrão.

ROBERTO - Nós o vimos lá embaixo, ao pé do correjo, a jogar pedradas numa casa de João de Barro.

LIMA - Eu não digo: caça por todo o geito e por toda a banda o velhaco.

ALFREDO - (a Roberto) Falai no mau...

### SCENA IV

*Os mesmos e Lulú*

LULÚ - Benção de Deus, vovô.

CORONEL - Deus te abençoe e te crie pro bem. Vamos a saber: em vez de estares aqui, a espera de teu tio, andas por ahi a jogar pedras como um valdevinos. Onde ficou a besta de tua sella?

LIMA - Lá em baixo, na cocheira, pois onde diabo haveria de ficar? Precisamos voltar cedo: a Maricota ficou só na fazenda, com a filharada bem adoentada, motivo porque não veio ao encontro do irmão.

CORONEL - Numa carroça vinha toda a tralha e commodo não nos falta, Deus louvado.

LIMA - E a fazenda havia de ficar ás moscas? Com o pouco escrupulo de hoje quem se anima a deixar a casa entregue a subalternos? Si o Lulú lá estivesse era outro caso, porque elle é seguro no pinguelo.

LULÚ - E mau pra preto! é pif, paf: quando não mato alejo. (Ouvem-se foguetes fóra).

ROBERTO - Corramos ao encontro do sr. Julio.

CAMPONEOS - (fóra) Viva o doutor! viva!

#### SCENA V

*Os mesmos Julio, Laura, Camponeos*

JULIO - Meu pai! (abraça-o).

CORONEL - Meu filho! (pausa). Ah! como estás mudado! tens algo de novo e desconhecido no semblante... uma virilidade distanciando-te bem do jovem que dáqui partio ha alguns annos.

LIMA - E tão mudado está que desconhece os próprios parentes.

JULIO - Injustiça, meu tio. Depois de tão longa ausencia era bem natural que toda a minha atenção convergisse obre o papai. Oh! mas reconheço tudo e todos como no dia da partida. Cá está o Roberto, o antigo feitor, Alfredo, meu condiscipulo, Laura, a companheira da infancia, Pedro, Antonio, todos. Falta aqui o velho pai Manuel que me estimava tanto.

LIMA - E tua irmã, teus sobrinhos são pés de porco, não é? Não viste siquer o Lulú! chega pra frente, menino, olha teu tio.

LULÚ - Sôs Christo, ti Julio.

JULIO - Adeus pequeno, Não os esqueci, meu tio; porem minha irmã, meus sobrinhos por que não me vieram abraçar?

LIMA - A pobresinha lá ficou em casa presa pela doenzada que lavra nos pequenos. A Theodora tem um amollecimento nas pernas que traz tombada, o Julinho é cata-cego dos meus pecados, o Silverio com aquella cabeçorra que cresce de dia em dia, mal se move em casa.

CORONEL - São calamidades sobre calamidades! O que vale é o compadre ter o mealheiro bem farto e os filhos não precisarem de trabalhar. Mas estamos a parlar por ahi e ainda não sacudiste a poeira da estrada. Vamos. (Sahem.)

#### SCENA VI

*Laura e Roberto*

ROBERTO - Vem bem mudado.

LAURA - Está mais homem e mais bonito tambem.

ROBERTO - Como modificam a gente as terras estrangeiras... Abraçou a todos nós, mesmo os negros, os libertos e não consentio que o carregassem. Chama a todos de amigos, como se fossemos farinha do mesmo sacco.

LAURA - Quando é bem superior a todos nós, pela illustração ao menos.

ROBERTO - Quer que o tratemos de Julio, como dantes. É lá possivel um atrevimento destes!

LAURA - Quem sabe se não será moda na Europa?

ROBERTO - Qual moda e qual carapuça! Um patrão é sempre um senhor e deve ser tratado com a reverência devida aos superiores. Isto aprendi eu e quero transmitir a meus filhos.

LAURA - Talvez tenha razão em parte, meu pai: o filho do Coronel, rico, talentoso, preparado, tem algo de superior a nós; mas os rebentos degenerados do Sr. João Lima sel-o-ão também?

ROBERTO - De certo, filha. E, embora nos pese, é refinada toleima não querer ver isto que a sociedade estatuio e alimentar fantasias de igualdade no cerebro do pobre. A nós compete obedecer, observar callados...

LAURA - E assim vão os pequenos, e são a maioria, deixando-se salpicar de lama, aterrorisados e ofuscados pelo idolo de ouro.

ROBERTO - Pois é a vida, menina, e bem tolo quem se insurge contra ella. Cá por mim, misero feitor de roça, não espero nada mais alem da sorte grande; mas se encontrasse uma occasião de galgar o poleiro, não me importaria de arremessar em baio os que estivessem no meu caminho.

LAURA - Se alguém o ouvisse, julgal-o-ia peor do que realmente é. Por educação presta preito aos potentados, attribuindo-lhes uma

superioridade que lhes nega, talvez, no fôro íntimo; mas quem, com sacrifício, privando-se de maior conforto, deu uma scintilla de instrução á filha dos campos, não desce jamais a uma acção mesquinha para galgar o pinaculo. O dinheiro não dá felicidade, e si não veja: trocaria a sua humilde posição de pobre com o sr. Lima, o argenteiro?

ROBERTO - Nem me fales! Com aquella recua de idiotas em casa, nem por todo o ouro do mundo.

LAURA - Vê como é facil a gente se desdizer quando as nossas asserções não se baseiam na eterna verdade?

ROBERTO - As tuas palavras servem apenas para me transtornarem o edificio que tenho na cabeça, e sem proveito algum para nós ambos. Hein? mas que vejo? os trabalhadores lá estão no laranjal... Deixa-me espantal-os antes que o sr. João Lima venha por ahi e se ponha a bramar de raiva (Sahe).

## SCENA VII

### *Laura e depois Julio*

LAURA - Ingenuo papai! si suspeitasse a verdade, si soubesse que a filha do administrador já amou o proprietario futuro destas terras...

JULIO - Laura!

LAURA - Senhor Julio.

JULIO - Que senhoria é essa? Trate-me de Julio, como dantes, para que me assista o direito de lhe dar o mesmo tratamento do passado.

LAURA - O senhor é outro caso: eu devo conhecer o meu lugar subalterno.

JULIO - Não ha senhor nem subalterno: todos somos iguaes. Nenhuma superioridade nos dão dotes physicos que herdamos ou dotes moraes adquiridos graças ao trabalho accumulado por outrem.

LAURA - O homem culto vale mais que o rustico.

JULIO - Porque um acaso de fortuna lhe facultou uma illustração que devia caber a um mais digno quiçá? Entào por que fui melhor

aquinhado, por que usufruo uma instrução que a pobreza recusou o outros, produzindo emquanto eu estudava, devo me considerar superior?

LAURA - A sociedade assim o quer.

JULIO - A sociedade... ah! não me cites essa madrasta dos desprotegidos da sorte. Si conhecesses bem, si tivesses sentido a sanie putrida que instilla essa barrega arvorada em juiz e carrasco dos humildes; si tivesses visto a dor innominavel, a immensa dor do proletariado europeu... aquella miseria sem nome abrigando-se nas arcadas das pontes, nos predios em ruinas e nos exgottos, aprenderias a desprezar esses estultos preconceitos e verias, então, que o mundo só ha duas qualidades primordiaes - a energia e o amor. Ser forte para jungir o proprio soffrimento, ser bom para minorar a alheia dor.

LAURA - Nós, as mulheres, entes fracos, relegados em segundo plano, não alcançaremos jamais o nivel moral dos homens.

JULIO - É pelo amor, fonte sacrosanta do bem, que a mulher se dignifica. Não é debil o ser que sustenta essa lucta homérica - a criação de um filho desde o berço á puberdade, e que sempre, atravez da existencia, essa rude batalha, agrilhoada a uma inferioridade injusta, que o homem lhe impôz, se devota, mãe ou companheira, a quem a acompanha com uma dedicação de ente bom e forte. E quando a mulher é como tu...

LAURA - Como eu? Pobre de mim, simples camponeza dedicada aos trabalhos domesticos e aos cuidados aos velhos pais, que merito posso ter?

JULIO - Como o sol expargindo calor e luz que são a vida da terra, tũ diffundes prodigamente a instrução, luz do cerebro, sobre as intelligencias infantis. Sei o papel de fada benéfica representado por ti nestes campos a semear, com uma abnegação sublime, o germen do Saber, esses primeiros rudimentos que são a estrada conduzindo á conquista de um paraizo sonhado. E não é o obulo azinhavrado com que te retribuem os mais favorecidos da sorte o teu sustentaculo nessa missão excelsa, mas sim a ancia de desvendar a um mundo novo a miragem de um futuro de paz.

LAURA - Quem o ouviste falar assim, julgar-me-ia melhor do que o sou realmente. Onde foi descobrir essa lenda toda?

JULIO - Revelou-m'a o interesse que me inspiras.

LAURA - Que interesse pode a filha de um simples administrador despertar em quem a fortuna bafejou desde o berço e que possui dotes collocando-o em outra esfera?

JULIO - O que inspira a beleza, a grandeza d'alma aos que na vida não se obumbram á refulgencia do ouro.

LAURA - Si seu pai o ouvisse...

JULIO - Tenho um roteiro traçado e seguil-o-ei embora me esphacelem os membros as urzes da estrada. Houve outr'ora, em antiguidade remota, um genio que se rebellou contra a ordem estabelecida, porque a julgava incompativel com a felicidade humana... perturbou a engrenagem das injustiças daquella machina infernal - o auctoritarismo judaico e pagou com a forca a sua audacia de reformador. Quantos como elle tombaram no campo da lucta, quantos perecerão ainda até atingirmos o ideal sonhado - o amor como universal cadeia entre os homens?!

LAURA - Ha em suas palavras algo de mysterioso e novo que não comprehendo.

JULIO - Comprehendel-o-ás mais tarde: quero-te consocia no meu anhelos de regeneração social.

LAURA - Eu?! Está brincando, certamente.

JULIO - Sei com que desvelo te devotas aos pequenos e quanto balsamo de consolação tens para as chagas da injustiça. Depois... és a companheira dos meus descuidosos dias da infancia, a imagem que me seguio sempre nesse voluntario desterro, longe do berço natal.

LAURA - Ah! não zombe de mim!

JULIO - Zombar, eu? Vi mulheres formosas em pose estudada, ostentando uma caridade ficticia e uma beleza mais falsa ainda. Numas a religião doirava os vícios; noutras a habilidade da modista corrigia as imperfeições naturais e em todas o cold cream e o carmin eram os factores do encanto; nas denominadas grandes damas só deparei banalidade, fingimento e coquettismo; jamais a candidez immacula de teu rosto se reflectio num daquelles semblantes. E nas horas solitarias de Celebes eu via numa recordação, e era saudade tambem, a imagem querida deixada aquem dos mares no meu remoto sertão.

LAURA - É maldade evocar um passado bem morto. Em face da muralha que nos separa sinto quão insano era aquelle affecto infantil.

JULIO - Não era; tenho-o bem vivo ao menos em minha alma esse tempo feliz. E em cada panorama desenrolando-se ainda ha pouco ante meus olhos, nestas paragens testemunhas de nossos primeiros votos surgia-me bem nitidamente a excelsa visão gravada em meu cerebro.

LAURA - Para que martyrisar-me, si sabe da inanidade desse almejo?

## SCENA VIII

### *Os mesmos e Roberto*

ROBERTO - Lá espantei do laranjal os sanhassus. Não, que si o senhor João Lima os visse, era capaz de nos ensurdecer a todos com os seus berros.

JULIO - Que dizes Roberto?

ROBERTO - É cá uma cousa que estava a falar com os meus botões... Não deixa de ser uma pouca vegonha os trabalhadores a avançarem sobre o pomar... O responsavel depois é o pobre administrador.

JULIO - Então meu pai com esse laranjal immenso lastima algumas fructas que os miseros comem?

ROBERTO - O patrão não; mas seu cunhado não perdôa nunca essas faltas.

JULIO - Grande crime em verdade, proletarios se deliciarem com alguns fructos das arvores que plantaram.

LAURA - Está a zombar da gente.

JULIO - Falo o mais seriamente possivel; quem trabalha tem o direito de gosar o producto do esforço na medida de suas necessidades e não de suas forças e jamais receber como recompensa um irrisorio salario. Não podes comprehender isto, meu velho, educado nos prejuizos de uma sociedade em agonia; é aos moços a quem me dirijo, aos operarios da humanidade futura.

ROBERTO - Ah, eu ouço rosar por ahi umas historias de uma Russia por esse mundão fóra pondo a gente com a cabeça a juros. Olhe, quer saber

senhor doutor, desde que libertaram os negros, expulsaram o imperador, a cousa foi de roldão e já não me admiro mais quando vejo um rustico referindo-se aos patrões dizer: - "Tão bom como tão bom!"

JULIO - E o è de facto. Todos nós somos iguaes no direito á existencia e no respeito mutuo que devemos uns aos outros. Accidente de côr, defeito physico, sanie moral mesmo de que o homem não é réo não fazem desaparecer o equilibrio humano. Grandes são por certo os fortes e os bons, isto é: os que teem forças para resistir o soffrimento, para matar o mal, que é a injustiça, para mitigar a alheia dor, amando com todo o ser como se deve amar.

ROBERTO - O senhor que o diz lá o sabe porque; cá por mim só entendo de negócios de lavoura; derrubar mattas, fazer coivaras, covar, semear, plantar e colher. Nesse pouco eu também sou meio doutor.

LAURA - E se dissessem ao papai que mesmo nesse ponto de crença, que julga intangivel, está muito longe da verdade de hoje e do progresso de amanhã... que os seus procesos de cultura são atrasados...

ROBERTO - Menina, nem cá o senhor doutor com todos os seus estudos será capaz de fazer torcer o dégas em cousas de lavoura.

## SCENA IX

*Os mesmos, Coronel, João Lima e Lúlú*

CORONEL - Que diacho estás ahi a discutir, Roberto

ROBERTO - Que ha de ser? Esta serigaita deve o des coco de dizer a mim que era atrasado o nosso sistema de agricultura.

LAURA - Mas não é uma verdade que está a entrar pelos olhos, senhor Coronel?

LIMA - Se não tivesses malbaratado as tuas economias mandando-a para uma escola normal, estarias livre destas e outras. P'ra encurtar razão: chora na cama que é lugar quente.

JULIO - Perdão, meu tio, nas palavras della nada ha de offensivo. Dizer que é atrasado e prejudicial o systema rotineiro de destruir florestas, queimar madeiras, incenerar o humus da terra, despender em cercados provisorios um trabalho que poderia ser melhor applicado, é confirmar apenas o que a experiencia de millenios de lavoura intensiva provou em

outros paizes. Si não me fallecer a coragem, si adoptarem o meu ideal, transformarei a fazenda num campo modelo e com minima somma de esforço humano obteremos o producto maximo jámais attingido aqui.

CORONEL - Pela minha parte, já te disse, estou pelo que fizeres. Vou fazer uma estação de aguas, viajar tambem, aproveitar um pouco esse bruxolear de existencia consumida toda no afan de enthesourar somente; nem sò de pão vive o homem.

LIMA - Hum, marreco! Quer tomar um pouco de regabofe, heim, seu compadre? Pois olhe, roçamos pela mesma idade e cá o meco anda cão a cão agarrado na fazenda para augmentar a herança dos pequenos.

LAURA - Quem já tem immensos haveres para que se esbofar tanto? Vastas florestas, um mar de campinas e prados infecundos, por impossibilidade de cultural-os, não lhe bastam?

ROBERTO - De certo: nestas vinte leguas ao redor não ha um homem que lhe ponha o pé em frente.

LIMA - O meu sonho é ser o mais rico de todos esses brazis! Mas a malandragem hoje está tão apurada que quem menos corre vòa. Os ladrões entram para a roça depois do sol nado e querem sahir antes de chegar a noite.

LULÚ - Abusam da bondade do pai, porque elle quasi não bate nos camaradas, é só prender no tronco. Ah! não é por gabar não, pai, mas se eu fosse delegado como vancê havia de deixar um bicho no tronco até fedê.

CORONEL - Realmente está penosa a lavoura depois que desapareceu em parte, á invasão do extrabgeiro, a submissão muda do servo de antanho.

JULIO - Julgam pouco, portanto, doze horas de trabalho neste clima exhaustivo dos trópicos? Si são maus os resultados culpem o methodo de cultura e á indolencia de uma maioria que parasitariamente vegeta á sombra dos productores.

CORONEL - És um homem lido e corrido e lá sabes o que dizes. E a proposito, em que carreira te formaste?

JULIO - Em nenhuma: O diploma não é prova de saber, os exames não são indício de competencia. Estudei sciencias physicas e naturaes com o

intuito de adquirir conhecimentos necessários e vitas de uma sociedade bem constituída; aprendi linguas vivas no campo da lucta, completando com a pratica as noções bebidas nos livros; porém a lição superna que frui não se aprende nos compendios nem nas academias! conheci a injustiça da organisação actual, auscultei a miseria do proletariado e adquiri o amor humano que deve ser o codigo gravado em todas as almas.

LIMA - Entào, p'ra encurtar razão, não tem canudo? Sahir d'aqui por capricho tolo, porque te contrariou o meu consorcio com tua irmã. levar a parte da herança materna; que não era pequena, deixando apenas esta fazenda, porque não a podeste carregar e voltares agora como qualquer Manuel de Souza, sem titulo e sem dinheiro, é cousa que se conte? Olha, o Lulú está ha seis annos na escola e si daqui a dous elle não estiver lendo por cima, mando o mestre ás favas.

LULÚ - Tanto véve, quem sabe como quem não sabe.

CORONEL - Não és doutor, então? Podias ser deputado, politico em evidencia e não serás mais que um lavrador sem os proventos e a gloria dos homens de governo.

JULIO - Não nasci talhado para essa escada onde é preciso a gente curvar-se para subir, enlameando as faces por vezes.

LIMA - Pois eu, si Deus não mandar o contrario, hei de fazer do Lulú pelo menos um deputado estadual.

LAURO - É mesmo dessa massa que elles são feitos, senhor Lima.

#### SCENA X

*Os mesmos e pai Manuel*

MANUEL - Zimola pra mor de Deus!

JULIO - Que vejo? o pai Manuel a mendigar! Pois já não está na fazenda?

CORONEL - Estava muito velho... precisava descansar..

LIMA - E como não dava mais serviço e era um homem livre, aconselhei o compadre que o mandasse grangear a vida em outra freguezia.

JULIO - Meu pobre velho!... Já não me conheces? Sou o Julio a quem salvaste um dia da morte: com risco da propria vida, arremessando-te em impetuosa corrente. Desconheces-me então?

MANUEL - Eh! eh! pá Mané tá bronco de todo.

JULIO - O soffrimento matou-te quiçá a memoria, mas hei de reparar a injustiça. Apoia-te ao meu braço, senta-te ao meu lado.

CORONEL - Não vês que é um liberto.

JULIO - É um homem.

ROBERTO - Um negro!

JULIO - Um homem!

LIMA - Um pinga miseria que não tem onde cahir morto.

JULIO - Quanto mais deprimido, quanto mais desgraçado e mais pobre é um homem, maior somma de affecto e mais respeito merece. Foi o que aprendi; a minha maxima conquista em annos de peregrinação, foi esta: - a energia para vencer o estuito orgulho, separando os homens, e a bondade, para matar a dôr. (Abraça o pai Manuel)

-  
FIM DO PRIMEIRO ACTO  
-

### **Acto segundo**

*O mesmo scenario do primeiro acto, mas a fazenda tem um jardim na frente.*

#### SCENA 1

*Camponeos cantam e dançam.*

Côro

Tudo vive alegremente,  
Já não é pena trabalhar.  
Sim, Senhor!

Todo o mundo está contente,  
Nào há briga ou mal estar.  
Sim, Senhor!

Elô! elá!  
Essa prisão, fazenda,  
Hoje é bella vivenda.

Que alegria, olé  
Pelo franco bem estar;  
Trabalhamos, olaré,  
Para o fruto partilhar.

JULIO - (entrando) Meus amigos, venho do açude onde estive com outros camaradas: o dique ameaça ruir e é mister reforçal-o, ao contrário ficaremos sem agua para a irrigação dos prados e para mover as machinas.

ALFREDO - Vamos, camaradas, e, como sempre, unamos os nossos esforços em prol do almejado sonho.

TODOS - Vamos! vamos!

## SCENA II

### *Julio e Roberto*

ROBERTO - Já vae para mais de um anno que tomou conta disto e, digolhe com franqueza, ainda não atinei com o fito almejado.

JULIO - É o que ahi vês: incuti nos homens a noção do trabalho, não como pena, mas como necessidade vital, fil-os comprehender o direito á existencia que todos temos, a solidariedade e o respeito devido mesmo aos decahidos.

ROBERTO - É muito bonito, não ha duvida; mas o que meu bestunto não pode explicar é o lucro que aufere d'ahi.

JULIO - Fazer maior numero de felizes, caminhar para a perfectibilidade humana. Realizarei o meu ideal? Os frctos colhidos nessa primeira experiencia, são animadores por certo; os camaradas vivem contentes, fartos, bem vestidos... em vez de 12 horas de labuta em que se esfalfavam d'antes, graças ao auxilio das machinas, laboram apenas 5 horas ao dia e esse trabalho feito em commum, sem excepção de

ninguem, mesmo os senhores de outr'ora, é tão suave que os celleiros regorgitam de cereaes, nos campos virentes pascem os nossos auxiliares na lueta e a prosperidade da fazenda rala de inveja aos retardatarios.

ROBERTO - Sei, sinto tudo isto; mas não comprehendo porque chama consocios esses homens que trabalham em terras suas e com ferramentas suas tambem.

JULIO - A terra foi dada a todos os seres pela natureza, mãe benefica e imparcial, como fonte commum imprescendivel á existencia. Tudo é de todos e os instrumentos de trabalho, as invenções representando um legado de gerações passadas e anonymas não podem constituir propriedade exclusiva de alguns homens apenas.

ROBERTO - Será como o diz, mas eu não estou contente, embora nada me falte; ouço diariamente os sermões do senhor João Lima e as ameaças do patrão voltar como uma bomba sobre mim. Não, não estou satisfeito.

## SCENA III

### *Os mesmos e João Lima*

LIMA - Ninguém está! Mas felizmente o maluco do compadre, tão doido como o senhor meu cunhado, deve estourar por ahi a qualquer hora, graças aos meus chamados incessantes, e vae ver a casa de orates em que foi isto transformado.

JULIO - Meu tio, estamos em polos opostos... longe... tão longe um do outro, que as nossas palavras jamais serão reciprocamente ouvidas. Corro a auxiliar os meus camaradas.

## SCENA IV

### *Roberto, João Lima e Lulú*

LIMA - Lá vae o maluco pegar no duro com os outros. Si ao menos elle fosse sosinho... mas até o Lulú estava no açude a bater ferramenta entrea perrada, como se fosse tudo farinha do mesmo sacco e anda por aqui, tambem, mettido nas cantorias e nas danças. Antigamente este rapaz só se divertia com as caçadas de capivara.

LULÚ - E ainda babo por ellas! trezantehonte armei o fojo, a bicha chio sartei acima e soquei nella o ferro sem dó.

ROBERTO - Cá o senhor Lulú tem estado nos divertimentos, nas patusqueiras da rapaziada, é certo, mas ainda não mourejou com os outros.

LIMA - Pois eu o vi, com estes que a terra fria ha de comer, batendo enxada como se tivesse necessidade de trabalhar, mettido entre a canalha, se esquecendo, para encurtar razão, que quem com os porcos se mistura farelos come.

ROBERTO - Acho que pensa Vamecê muito bem: os exemplos de respeito á propriedade dados aqui são para aterrorisar um conservador como o senhor Lima.

LIMA - É uma desgraceira; o gado já não vae marcado, quem quer tira leite, faz queijo e manteiga ao bel-prazer; os cereaes estão a disposição dos trabalhadores e não me admiraria si amanhã vendessem fôra os animaes da fazenda. Nós é que seríamos prejudicados.

LULÚ - Com veiacó, veiacó e meio: pramode as duvidas já botei o ferro numas novias do vovô.

#### SCENA V

*Os mesmos e Coronel Lemos*

ROBERTO - O patrão!

LIMA Seja bem vindo, seu compadre! Já não era sem tempo: julguei que ficaria na pandega o resto da vida. Como vem atrasado!

LULÚ - Vovô andou também atrás das capivaras? Benção de Deus.

CORONEL - Deus te crie pro bem. Roberto, avisa ao Julio da minha chegada.

LIMA - Lulú, anda d'ahi, vae pescar, que precisamos ficar sòs.

#### SCENA VI

João Lima e Coronel

CORONEL - Escreveo-me tantas cartas assustadoras, entretanto eu confesso, compadre, a impressão imprevista e recebida não pode ser

melhor. Está um brinco a fazenda, toda transformada, com campos estereis outrora cobertos de promissora seara. Como pode o meu rapaz fazer tanto em tão pouco tempo?

LIMA - Mais ainda do que pensa; aqui já não se derruba nem se queima matto, os trabalhadores batem apenas 5 horas no dia, o producto da lavoura é todo commum e o bello gado vaccum e cavallar que ahi deixou, está a mercê desses brutos. Si, depois de uma tal exposição, ainda julga sensato o -rocedimento do senhor meu cunhado, só tenho a dizer, p'ra encurtar razão: tão boa é a tampa como o balaio.

CORONEL - Pode haver exagero em tudo isso, compadre. Absorvido pelos trabalhos da fazenda e a molestia dos pequenos, preso aos cuidados da cultura rotineira, nem lhe sobra tempo de bem observar e as informações obtidas podem ser falsas sob muitos pontos de vista.

LIMA - E o melhor, vá escutando, seu compadre, enquanto ninguem nos ouve, é que o bom sementeiro anda de namoro com a filha do Roberto, a lambisgoia sabichona, toda cheia de sss e si não se aprecaçar, no pé em que vão as cousas, ainda ha de ver como nora uma pobretona daquellas; quem me avisa, meu amigo é.

CORONEL - Julio não fará tal: tem instrucção e senso bastante para medir a distância, separando-se dessa camponea. Alem disto confio em Roberto: é me bastante dedicado e casal-a ha com outro para conjurar o perigo.

LIMA - Pois então vae cahir a sopa no mel! O mestre escola baba-se pela rapariga.

CORONEL - E si Laura não quizer, si Julio resistir?

LIMA - Ambos teem topete para mais. P'ra encurtar razão: cesteiro que faz um cesto, faz um cento, tendo taquara e tempo.

CORONEL - Lá vem o julio. Peço que se retire, compadre; quero conversar a sós com elle.

#### SCENA VII

*Coronel e Julio*

JULIO - (abraçando-o) Meu pai!

CORONEL - Julio! Não contavas comigo heim?

JULIO - Foi uma surpresa muito agradável, confesso.

CORONEL - Estava cansado da vida ociosa... Julguei também que tivesses necessidade dos conselhos do teu velho pai: o que vi, porém, me capacitou de tua habilidade e de teu tino administrativo.

JULIO - Fiz o máximo possível no pequeno espaço de tempo e na transformação de uma lavoura extensiva e rotineira para a intensiva e sob os modernos processos. Drenei pantanos tornando-os salubres e os utilizando na cultura do arroz; arei varzedos e collinas despresados e sem gasto de adubos, revolvendo a terra para azotal-a bem, arranquei-lhe do seio farta messe; fiz prados virentes e bellos onde o gado pasce nédio e sadio: os antigos campos extensos e abertos foram divididos e cercados e em vez de uma pastagem unica estragada pelas patas do gado e improductiva, consequentemente, temos diversas que são occupadas successivamente. Não quiz, como outros lavradores, estar sujeito aos caprichos do bom ou mau tempo: estabeleci, como deve ser observado, plantações em terrenos facilmente irrigaveis. Introduzi novas machinas para arar, escolher semente, semear, capinar e colher: consegui em parte o moderno desideratum - a maior somma de producto com o menor esforço humano possível.

CORONEL - Tudo é muito lisongeiro, de facto, e mostra que não perdeste o teu tempo; mas segundo me informaram os camaradas trabalham aqui cinco horas apenas.

JULIO - Nem è preciso mais para produzir abastança. O labor feito aqui, em commum, não é a tarefa odiosa e fatigante dos outros tempos. As horas supplementares do dia empregamos nas artes, sciencias, jogos sportivos: uns se dedicam á pintura, outros á musica, outros á mecchanica e cada qual se esforça mais e mais para adquirir os conhecimentos necessarios á existencia e ao bem estar commum.

CORONEL - Muito bem; qual foi o rendimento da fazenda nestes dois annos?

JULIO - Os celleiros estão replectos e com a permuta de cereaes obtivemos os tecidos necessarios aos camaradas: andam bem vestidos, como deve ter visto. Temos prados semeados, legumes á farta, fructas, laticinios e todos os animaes domesticos. Que mais poderíamos almejar em tão breve espaço?

CORONEL - E em dinheiro quanto enthesouraste?

JULIO - Nem eu nem meus camaradas, embora recalcitrassem a principio, nos preocupamos com o capital, factor responsavel de todas as catstrophes humanas.

CORONEL - Então esses homens não recebem salario?

JULIO - Não, por certo, porque o salariado é uma nova forma de escravidão, substituindo os processos dos tempos idos. Usufruem livremente, com as creanças e os velhos, o fructo do trabalho commum.

CORONEL - Mas estás louco, completamente perdido! o que vens de me expor é um verdadeiro absurdo: espalhaste aqui a má semente. Nem talvez distincção de classe ha mais.

JULIO - Todos os homens são iguaes: as differenças phisicas ou as taras moraes independentes da vontade, não deprimem nem elevam ninguém.

CORONEL - Bem, não prolonguemos um assumpto em que divergimos immensamente. Como deves saber não é meu proposito enterrar a tua mocidade nestas selvas. Na Capital conversamos longamente a teu respeito e deixei mais ou menos conchavado para ti um casamento com a filha do Penna, tua prima materna.

JULIO - Fico-lhe muito grato, meu pai, mas não a conheço nem a amo consequentemente e o amor deve ser a base de todas as uniões.

CORONEL - Não conheces outra cousa: viste-a muitas vezes, antes de tua partida para a Europa. Alem de ser educada na cidade é uma mocetona bonita.

JULIO - Na mulher o que seduz nem sempre é a formosura, mas sim a belleza. Um coração bem formado para levar o balsamo ás chagas sociaes, uma alma forte para resistir a dor, valem mais que um rosto lindo e um corpo esculptural.

CORONEL - De acordo: é ouro sobre azul! Mas tua prima, sabes muito bem, alem de chic, é filha de um velho commerciante que amassou grande fortuna no commercio.

JULIO - Um parasita que se enriqueceo especulando com a miseria e a toleima dos pobres.

CORONEL - Hoje, porém, é um capitalista e tem as im triplicado a sua fortuna.

JULIO - Um explorador de peor especie ainda, porque vive das desgraças alheias.

CORONEL - Isso è lá com elle! Tú com o que receberes de dote unido ao que tens, não precisarás de especular nem de trabalhar tão pouco. Poderás vender esta fazenda ao compadre Lima e, lá em baixo na Capital, com o talento que tens, com a influencia de teu sogro, a minha e a do compadre, que é fera em tricas eleitorais, farás carreira politica, mesmo por esporte quando mais não seja.

JULIO - A politica! mas é tão negreganda como o capital: é um parasitismo mais torpe quiçá esse, meu pae; para subir é preciso pos vezes enxovalhar-se a face, vender a consciencia, calcar os pés a justiça.

CORONEL - És um incontentavel. Entretanto amas a filha do administrador, segundo me disseram.

JULIO - É verdade.

CORONEL - Uma descendente de escravos nossos.

JULIO - A mulher superior que soube comprehender o meu sonho de regeneração social.

CORONEL - (alterando-se) Seja! Não consentirei jamais em tal aviltamento.

JULIO - Sou livre e farei o que nos aprouver.

CORONEL - Desobedeces-me, então?

JULIO - A auctoridade paterna tem como unico alicerce o amor, a violencia lhe derrota a base jogando-a por terra.

CORONEL - Retira-te da minha presença! Saberei defender um nome que queres envolver numa aventura ridicula e insensata.

JULIO - Cada qual age segundo a sua consciência: tracei um roteiro na vida e hei de segui-lo ainda que seja o unico: ser livre em terras de escravos. (Sahe)

## SCENA VIII

*Coronel e João Lima*

CORONEL - E esta?

LIMA - É chorar na cama, seu compadre. Estava d'ali bispando a conversa. Não lhe digo sempre que esse negócio de instrucção é rematada loucura? Vê o seu letrado, que topete tem! Olhe, o Lulù não lê ainda por cima, é verdade, mas lhe tirando a mania das capivaras, é incapaz de fazer loucuras taes e repetoso até ali.

CORONEL - Também Julio o era: foi essa mulher quem lhe transtornou a cabeça; não podendo attingil-o, meu filho desceu ao seu encontro.

LIMA - Mande-a plantar batatas e mais o bom do pai.

CORONEL - Seria capaz de segui-a. A minha primeira ideia é a melhor: casal-a com o mestre escola, dotal-a, si preciso fôr.

LIMA - Afinal quem paga o pato é sua filha, a pobre de minha mulher, com esses desfalques de herança. Ah! seu compadre, boas contas tem de dar a Deus, por essas e outras.

CORONEL - Silêncio! ahi vem o feitor.

## SCENA IX

*Os mesmos e Roberto*

CORONEL - Anda cá, Roberto. Preciso falar-te sobre negócio de importância.

ROBERTO - Às ordens, patrão.

CORONEL - Deves ter visto a preocupação que me conturba o espirito. Recebi diversas cartas do compadre pintando a babel em que haviam transformado a fazenda e, bem a meu pezar o confesso: não houve exaggero.

ROBERTO - Nenhuma responsabilidade me cabe; era subalterno, devia obedecer sob pena de perder o lugar.

CORONEL - Não é somente o descalabro financeiro que me agonia: ha um estylete mais agudo apuando-me o coração.

LIMA - É verdade, o pobre do compadre está como se lhe tivessem enfiado um espeto quente... pelo pé a dentro.

CORONEL - Tú podes remediar o mal, Roberto.

ROBERTO - Disponha, então, de mim seu Coronel.

CORONEL - É bem patente o amor de Alfredo, o mestre escola, por tua filha.

LIMA - Uma paixão surumbatica e plangente, p'ra encurtar razão.

ROBERTO - Não tenho tempo para andar pescando essas cousas; mas vamecê que o diz é porque o sabe.

CORONEL - Tua filha não pode encaral-o também com indiferença e si o faz será facil convencil-a das vantagens de um tal partido.

LIMA - Até porque amor não è genero de primeira necessariade.

ROBERTO - Tem os seus conformes: para nós, os pobres, é a moeda que levamos.

CORONEL - Como faço muito empenho nessa união, não duvidarei de auxiliar a noiva com trez... (Lima puxa-lhe o paletot) uns dous... (item) um conto de réis.

LIMA - Qual o que, seu compadre! 500 mil rês bastam. O rapaz abre uma bitacula e o cobre dos trouxas começa a pingar lá dentro que é um louvor a Deus de gatinhas.

ROBERTO - Está tudo muito direito, se a rapariga estiver pelos autos.

CORONEL - Si não estiver, obrigue-a.

LIMA - Nós somos da cartilha antiga e é o mais seguro destes negocios: uma boa sova de pau, p'ra encurtar razão.

ROBERTO - Serà; mas obrigar minha filha a casar-se contra sua vontade, não o farei jamais.

CORONEL - Si não se realizar o consorcio, ver-me-ei forçado a despedil-os, porque só terei tranquilidade no dia que a ver casada ou longe d'aqui.

ROBERTO - Minha pobre filha! Que culpa pode ter das innovações que por ahi vão?

LIMA - Bem diz o ditado: o cabeçudo é o ultimo a saber-o. Pois não percebeste ainda, p'ra encurtar razão, que o palerma de meu sobrinho está pelo beigo com tua filha?

ROBERTO - Zomba de mim.

CORONEL - É uma verdade, infelizmente. Julio me confessou esse amor e foi uma nova tortura para mim... O desgraçado não mede a diferença de classe; mas tù, Roberto, educado em outros principios, reconheces de certo essa desigualdade.

ROBERTO - Sim, bem a conheço, carrego sobre os hombros desde a infancia, a pesada tunica da pobreza.

LIMA - E não é só isto. Tua mãe, que Deus haja, apesar de mulata clara, foi escrava lá de casa e por vezes lhe cheguei o couro ao lombo, porque sempre fui mau pra negro.

ROBERTO - Basta, senhor João Lima! Para que revolver as cinzas de um passado que deveria estar morto para sempre? Si ha vergonha nessas scenas não é para as victimas de certo. Sou grato aos seus favores e saberei cumprir com o meu dever: si minha filha recusar, deixarei de ser seu aggregado, senhor Coronel. (Coronel e Lima sahem.)

## SCENA X

### *Roberto e logo Laura*

ROBERTO - (sô) Este senhor João Lima... E que homem eu sou: não lhe arranquei os dentes com um murro quando rememorou o martyrio de minha mãe. Tem talvez razão o senhor julio: ha uma grande injustiça a sanar neste velho mundo apodrecido.

LAURA - (entrando) Porque venho encontral-o pensativo e só, meu pai?

ROBERTO - Estava aqui a matutar o teu futuro.

LAURA - Sim?

ROBERTO - Sabes? Querem te casar.

LAURA - Quem, meu pai?

ROBERTO - O patrão e o senhor João Lima.

LAURA - Que interesse pode a pobre filha de um administrador inspirar a estes homens de dinheiro?

ROBERTO - Estão a pensar absurdos: que o senhor Julio baba-se por ti e que tú estás a morrer de amores por elle e temem que essa fortuna, ganha Deus sabe como, venha a cahir em tuas mãos.

LAURA - Podem estar tranquilos. Eu e elle despresamos bntante a riqueza e não nos seduz uma ambição vil. Desejava ser simplesmente uma companheira, uma auxiliar nessa sementeira do bem, porque nos seus sonhos de reformador sinto a crysalida de regeneração social e no afan generoso em prol da nova ideia vejo a miragem de um paraizo para os desprotegidos, luctando e soffrendo a seculos a perenne injustiça.

ROBERTO - Conheço os teus sentimentos generosos. Mas que podes tù, pobre mulher, contra leis iniquas estatuidas pelos homens?

LAURA - A mulher pode muito, calcando com um pé os preconceitos e com o outro o coração, caminhando sempre de frente heril, atravez da vida, sustentada pela energia para vencer apropiada dor, e a bondade para mitigar a alheia pena.

ROBERTO - Santa menina! E aquelles biltres não valendo uma ponta dos teus cabellos, temiam que lhes enxovalhasses a família. Mas que dizes sobre um pedido de casamento do senhor Alfredo?

LAURA - É um bom moço, dotado de excellente coração e de uma alma onde germina facilmente o bem; mas... não o amo, meu pai.

ROBERTO - No casamento que se quer é a conveniencia: o amor entra em segundo plano.

LAURA - Elle se evola como todas as paixões no cadinho do tempo, reconheço; mas é o iman que une as especies e sem elle a humanidade teria desaparecido da face da terra.

ROBERTO - Não discutamos, porque me levas á parede; és um pouco doutora e eu mal aprendi a ler. O principal ahi está: esse matrimonio faz a felicidade de Alfredo e traz a tranquillidade a nós, ameaçados de expulsão.

LAURA - Sacrificar-me é por vezes uma maneira de ser forte e de fazer o bem: para a felicidade de um maior numero, aceito.

ROBERTO - Ah! Eu sabia qu tinhas força bastante para conjurar a desgraça prestes a ferir-nos. Está salva a patria!

LAURA - (comsigo) E morto o meu pobre coração.

ROBERTO - Senhor Coronel! Senhor João Lima!

#### SCENA XI

*Os mesmos, Coronel e Lima.*

LIMA - Que ha, homem?

ROBERTO - Está decidido o negócio, senhor Coronel: Laura aceita.

CORONEL - Tù te mostras assim rasoavel e mais sensata do que meu filho.

LIMA - Isto foi sempre uma rapariga de juizo e si não fosse a desigualdade de fortuna etc., etc., não me importaria de casal a com o Lulú.

LAURA - Agradecida, senhor Lima; mas eu regeitaria tal honra em qualquer hypothese.

LIMA - Por causa das caçadas, talvez?

ROBERTO - É necessário combinarmos o praso com o noivo.

CORONEL - Pelo mestre respondo eu. É nosso empregado ha alguns annos e sempre foi um submisso. Poderá ser daqui a dous mezes, não é assim, Laura?

LAURA - Como queiram; para quem se sacrifica, presente e futuro se confundem no passado.

LIMA - Qual dous meses e qual carapuça! Nestas cousas é anda mão e fia dedo. P'ra encurtar razão: aproveitemos enquanto o trem esta quente.

ROBERTO - Ha os papeis, as formalidades do civil.

LIMA - Tudo se arranja com arame. O nosso vigario é rasoavel e não resiste a certos argumentos.

ROBERTO - Mas o escrivão...

LIMA - O Domingos, Deus louvado, não é homem de escrupulos tolos: basta untal-o com uma pelega de vinte. O compadre deve se lembrar quando reduziu a mingau a cabeça daquelle camarada... foi uma de cincoenta e o auto não se fez. Um pouco salgado, mas, p'ra encurtar razão, mais vale um gosto do que quatro vintens.

ROBERTO - E o Juiz de Paz?

CORONEL - Por esse respondo eu: é creatura minha.

LIMA - Sem duvida, porque se está em primeiro lugar, apesar de não enxergar nada, é, graças ao compadre e ao degas; em occasiões como esta a gente precisa de uma auctoridade razoavel.

LAURA - Elles é que são sensatos nessa podridão em que se rebaisam... os libertarios, os loucos.

CORONEL - Não devemos perder tempo. O compadre vae á cidade remover os obstaculos e faremos o casamento ainda esta semana (Ouvem-se cantos fóra.) Que é isto?

ROBERTO - São os camaradas que voltam do açude.

LIMA - Aqui agora é assim, seu compadre: tudo ao som de cantarolas. Deus queira que o Lulú também não esteja na frota.

## SCENA XII

*Os mesmos, Alfredo, Julio, Lulú e camaradas.*

Côro

Tudo vive alegremente,  
Já não è pena trabalhar etc.

LIMA - Passa p'ra aqui, seu Lulú! Lé com lé, cré com cré.

CORONEL - Amigos! Alegra-me bem esse jubilo com que festejais o trabalho, demonstrando ser uma das mais nobres funcções da vida, porque é o mantenedor della. E mais justa é essa alegria de hoje, porque vamos galardoar um par, constituindo o orgulho da nossa fazenda. Cantai, folgai em regosijo ao proximo casamento de Alfredo e Laura.

JULIO - Que escuto!

LIMA - Osso duro de roer é que é.

ALFRDO - Foi attendido, então, o meu anhelos: sua filha...

ROBERTO - Casa-se comtigo por livre e expontanea vontade e o senhor deseja que se realize quanto antes esse negocio.

CORONEL - Sim, meu amigo, é inutil acrescentar que me rejubila immensamente a sua felicidade. Tù, Julio, partirás amanhã para a Capital a encaminhar uns negocios de que encarreguei o nosso parente e amigo Penna, em cuja casa te hospedarás.

JULIO - Obrigado, meu pai! o meu lugar não é junto á herdeira rica com que sonha degenerar a nossa raça, augmentando assim uma fortuna que despreso como causadora de males. O homem que tem um ideal superior, lucta e soffre na propagação de suas ideias... A recompensa não está na satisfação de ambições mesquinhas, de ephemeros gosos, na victoria do amor proprio: vendo germinar em torno de si o bem semeado, sente-se feliz.

CORONEL - Mas sonhas uma utopia, uma chimera, desgraçado.

JULIO - Não discuto se é realisavel ou irrealisavel: sei que é verdadeiro, justo e bello, e isto me basta. Os homens de amanhã saberão optar pela boa semente.

LIMA - Pessima é que ella é. Uma má ovelha põe o rebanho a perder; o que não fará este mau pastor com as suas nefandas doutrinas!

JULIO - Nefandas porque? Eu prego o bem, o amor entre os homens, nobilito trabalho, condemno o parasitismo ocioso do rico; aconselho a pratica de preceitos scientificos que nos tornam mais felizes prodigalizando-nos grande somma de bens, condemno a mentira, a

hypocrisia, a infidelidade constituindo ora o adorno de um mundo que se esphacela, e chamais a minha doutrina de má semente! Seja! Meus amigos, escolhei entre mim e elles, entre os bons (designa-os) e o mau pastor.

TODOS - Viva o mau pastor!

FIM DO SEGUNDO ACTO

## Acto terceiro

*O mesmo scenario do segundo acto.*

SCENA 1

*Laura (só)*

Qual o desfecho desse drama desenrolado aqui? Quantas victimas sacrificada quicá. Que importa o soffrimento si alcançarmos a victoria em prol do progresso e da solidariedade humana?

SCENA II

*Alfredo e Laura*

ALFREDO - Laura, esperie que os animos se serenassem, que se despersasse a onda de oceano em furia, rugindo em torno de nós, para vir ouvir de teus labios a palavra de verdade: a tua acquiescencia ao casamento foi livre e expontanea?

LAURA - Meu pai o exigio, impellido por outros, vendo em mim, pobre mulher, o facho da revolta. Nesse consorcio planejado, como em quasi todos os outros, não é o interesse, a conveniencia o unico elo da cadeia?

ALFREDO - Não sou correspondido, portanto?

LAURA - Posso me sacrificar, galgar sem protesto, para bem de outrem, o meu calvario; mas repugna á minha dignidade de libertaria, mentir, ser hypocrita, tecer este trama de embustes em que se emballam os ricos, enganando-se, illudindo o mundo com uma moral que é uma simples mascara por vezes para encobrir o vicio e as torpezas de uma sociedade corrupta. É leal e bom, admiro-o no seu apostolado de instruir a infancia, mas... não o amo.

ALFREDO - Espirito forte, intelligencia superior, submetendo-se assim aos desejos de seu pai, é porque em sua alma, certamente, não viceja outro amor.

LAURA - Era um segredo... desejava o sempre sepultado no fundo do peito; mas a mim mesma, depois do meu novo ideal jurei ser franca e sincera em todos os actos de minha vida e creio dever a confissão da verdade: amo outro... Julio.

ALFREDO - O homem extraordinário que sacrificou fortuna, bem estar, tudo por um principio de solidariedade humana! E... é correspondda nesse affecto?

LAURA - Sou; sei, sinto-o. Poderão tirar-me tudo, menos essa certeza - é o meu galhardão na estrada do cacrificio.

ALFREDO - Pois bem, amo-a immensamente, deve sabel-o, deve ter lido no meu semblante; mas acima da paixão está o sentimento de justiça, está a nobreza d'alma. Para conquistar a maior somma de felicidade possivel, é mister ser-se forte, isto é: ter energia para combater o mal, e semear o bem. Laura, está livre de qualquer compromisso para commigo e livres proseguiremos os dous atravez da vida, sem a nuvem que ameaçava a nossa existência.

LAURA - Não vê que estou predestinada á fogueira ateadada pela ganancia e um orgulho idiota?

ALFREDO - Soffrerei por isto, mas lisonjear-me-á a lembrança de não haver concorrido para o seu martyrio. É preciso encourajar a alma! os primeiros semeadores encontram o campo agro, cheio de cardos e ai delles se lhes fenece a coragem: tombam arrastando outros na queda. Tudo está acabado entre nós. O passional sonhador desapareceo da sociedade futura.

LAURA - Tem razão! Quando um apostolo, como Julio, se despe das regalias que o mundo lhe dá para trabalhar em prol do bem estar social, devemos seguil-o mesmo antevendo o martyrio.

ALFREDO - Corro a auxiliar os camaradas que lá estão irrigando os campos para a nova messe e vou com o coração mais tranquillo pelo dever cumprido.

### SCENA III

#### *Laura e Coronel*

CORONEL - Estavam em idyllo. Ora muito bem, filha, se o compadre não encontrar embaraço no andamento dos papeis, essa ancia tão natural da mocidade poderá ser satisfeita ainda esta semana.

LAURA - É inutil, senhor Coronel; Alfredo desistio do antigo intento.

CORONEL - Mas que vento de loucura passou aqui e transtornou todas as cabeças ao ponto de se renegar hoje o que se almejava hontem? Elle não renunciaria a um anhelto intimo se não surdisse um poderoso obstaculo.

LAURA - Estava disposta ao maximo sacrificio para o bem de um maior numero... era uma energia mascula que bem poucos comprehendem! Mas odeio a hypocrisia e a mentira com que se adornam as elites e, interrogada por Alfredo, confessei amar um outro com todo o meu ser. Recto e bom, elle collocou a justiça acima de uma paixão ephemera.

CORONEL - Muito bem! Podemos saber, então, quem é esse outro e como não tem a valleidade de certo de aspirar o imperador da China, como o predilecto deve ser do nosso meio, facil será a mudança de noivo.

LAURA - Perdão, não aspiro nada e esse amor occulto no peito me alimenta como a seiva á planta.

CORONEL - Será como diz; mas não me convem conserval-a solteira na fazenda por motivos que me tocam de perto.

LAURA - Ainda não lhe fui mendigar algo nem meu pai, que recebe um salario em troca de serviços prestados, lhe delegou poderes para dispor do meu futuro. Sou livre, sempre que a minha liberdade não lese o direito natural de outro.

CORONEL - Ora, eis ahi a consequencia de uma mulher letrada! Si fosses uma camponeza analphabeta como as tuas companheiras, seguirias as ordens de teu pai, que visam a tua felicidade, sem tiradas dramaticas. Vejo bem teu alvo, minha sabichona, e é precisamente porque o vejo, que me esforço pelo teu consorcio.

LAURA - Senhor Coronel, pobre, subalterna, embora por um acaso de fortuna, não lhe assiste o direito de me insultar; é cobarde essa arrogancia em face de um ser que julgamos fragil.

CORONEL - É que toquei no ponto vulneravel. Conheço os teus amores, teu papel de serpente seductora colleando-se entre o embuste e a apparencia de saber, para empolgar a victima almejada. Todas as innovações deparadas aqui, esses projectos de equidade, de solidariedade humana, todas essas reformas são filhas de uma paixão reprobada, bem sei: como não podias subir, para igualar-te, elle desceo a ti.

LAURA - O que vem de dizer é torpe, é infame e somente um cerebro imbuido de erros, que tem tornado a humanidade infeliz, poderia conceber um plano ambicioso em creaturas que não se vendem, almejando apenas o direito á vida para os esbulhados por vós. Mas as suas palavras não me farão recuar na ascensão libertaria, porque me sinto forte para despresal-as como despreso esse ouro esbulhado ao misero proletário. (Sahe)

### SCENA IV

#### *Coronel e logo J. Lima*

CORONEL - Que acabo de ouvir dessa misera que vi crescer e me considerou sempre como um ente superior? Ha algo de desconhecido após a grande catastrophe mundial e sinto o monstro da revolução a planejar sinistro sobre as nossas cabeças.

LIMA - (entrando) Cá estou de volta, seu compadre. Demorei um pouco, mas vem tudo arrumado de vez. O Domingos reluctou a principio por causa dos proclamas, mas cheguei-lhe um pouco de unto nas molas, uma pelega de cincoenta, e o cabra amaciou que foi um gosto. O Juiz de Paz, também, quiz fazer fosquinhas; não estive para meias mediadas: contei-lhe bem alto quanto nos coustou a sua eleição em primeiro lugar, falei-lhe em serviços futuros e tudo se aplainou com a ajuda de Deus. O nosso vigario foi bem rasoavel e prompto. E o Lulú, anda atraz das capivaras? Aquelle menino... Mas o compadre não diz nada, está distrahido, ha ainda alguma nova má?

CORONEL - Todo o seu trabalho foi perdido: Alfredo desistiu do consorcio.

LIMA - Roeu a corda, p'ra encurtar razão; mas nós o obrigaremos, a nós é que o negocio interessa. Temos donheiro, Deus louvado, temos gente, bota-se o bicho no tronco, de pé e mão, uns tres dias a fio, a angú e agua e o cabra fica macio como pelo de lontra.

CORONEL - Laura revolta-se, também, chegando mesmo a me dirigir frases insultuosas.

LIMA - Porque não lhe metteu o pau? Vamencê já se vae esquecendo da cartilha antiga, e por isto, tudo vae por agua abaixo. P'ra que serve o dinheiro? Para um caso destes: tirar melaco na cabeça do cabra e livrar-se do crime.

CORONEL - Tratava-se de uma senhora...

LIMA - Qual senhora e qual nada: filha do feitor; neta da Maria Joaquina, uma escrava lá da fazenda, em que muitas vezes cheguei a vara ao lombo.

CORONEL - Os tempos e os homens já não são os mesmos: um tufão de innovaçõs vae varrendo os costumes de antanho e implantando uma moral nova... Ai de mim! Sinto um quebrantamento extranho e desejo de recuar quiçá.

LIMA - Pois eu não! O nosso interesse está na liça; si recuar, eu e o Lulú prosseguiremos: aquillo é cabra bom na pontaria. Prende-se o Alfredo no tronco, para isto sou autoridade e faço-o todos os dias com os trabalhadores que sahem fóra dos eixos.

CORONEL - Mas sob que pretexto uma tal violência?

LIMA - Sob qualquer! O mestre anda a pregar doutrinas de maluco, a desorganizar o trabalho; testemunhas não faltarão desde que haja unto, p'ra encurtar razão.

CORONEL - Tudo baldado: Laura não cederá.

LIMA - Que o Roberto a obrigue á força de relho e si esse argumento não servir, seu compadre, desterramos o feitor, a filha, a camaradagem, tudo, porque a má semente já vae prosperando.

## SCENA V

*Os mesmos, Roberto e Lulú*

LULÚ - Benção de Deus, pai.

LIMA - Onde estavas? A bater no duro com os outros imitando o idiota de teu tio, como se fôsses um pobretão, heim?

ROBERTO - Estava pescando senhor Lima.

LULÚ - E peguei uma trahyra deste tamanho: um arraso.

LIMA - Está muito bem, emquamto fôr capivara e peixe; o que não quero é te ver entre a canalha.

LULÚ - Eu tava sosinho, nhô pai, bispando a bicha: quando ella ferrou, chamei a vara e dei uma figgada assim. (Bate-lhe no rosto)

LIMA - Toma sentido! Vae fisgar o nariz da tua avó torta.

CORONEL - Já sabes da ultima resolução de Laura?

ROBERTO - Estava lá em baixo ajudando na irrigação do arrozal, quando o mestre me communicou a sua desistência sob allegação de Laura não o amar. No meu tempo não havia dessas historias de amor cá para os pobres, quando os patrões davam uma ordem.

CORONEL - Nem para os ricos: encaravam-se as conveniencias, um bom partido era tudo.

LULÚ - De certo: Christo, e isto? (Gesto de dinheiro) é o que vale!

LIMA - Si todos pensassem como tú; não é por ser meu filho, mas este dá homem. Quando apparece algum animal extranho nos pastos lá da fazenda, vae pro quarto fechado até que morra a fome e sede ou o dono venha buscal-o!

LULÚ - E quando percebo que é gado extraviado, boto o nosso ferro nelle.

LIMA - Psio! estas cousas não se dizem, pequeno. Mas voltando á vacca fria, p'ra encurtar razão, que vamos fazer agora?

CORONEL - Mas eu é que não estou por isto. Já t'o disse e repito-o ainda: é de urgente necessidade para socego de todos, que tua filha se case. No pé em que vão as cousas, caminhamos para a derrocada, si Julio permanecer na fazenda, si não encontrar uma esposa rica igual a elle, que o demova dessas ideias loucas com que o envenenaram no velho mundo. Essa paixào insensata por Laura mais o enraizou no seu sonho igualitario.

LIMA - Vejam que vergonha para a família: uma neta de Maria Joaquina em que cheguei muitas vezes a vara.

ROBERTO - Basta, senhor Lima! Não é bom revolver conzas... Pode acordar o brazeiro.

CORONEL - Tens razão. Roberto conhece o seu lugar e saberá chamar a filha a ordem.

ROBERTO - Mas si o noivo desistio...

LIMA - Deixa o cabra por minha conta: tres dias de tronco, a pés e mãos, a angù e agua.

ROBERTO - Nã posso empregar tal argumento com minha filha.

CORONEL - Mas debes fazel-a sentir o que ha de absurdo na pretensão della e de insania nas doutrinas de Julio. Pois era possivel derrocar preconceitos vindos de uma antiguidade remota, destruir costumes representando a longa historia da humanidade? Eu appello para ti, Roberto, um trabalhador como os outros: podes admittir a hypothese dos ricos trabalharem com os pobres, de cada um despender os productos vitaes á existencia, não segundo o merito, mas de accordo com a necessidade? Era a morte do pauperrismo, o nivelamento geral, o fim do mundo.

LIMA - Seria melhor que um cometa desse uma umbigada na terra e a arremessasse de pernas pro ar.

LULÚ - S Jeronymo e Santa Barbara, nhô pai!

CORONEL - Fará Laura comprehender estas verdades e si os nossos esforços forem baldados, como não devo conservar aqui um pomo de discordia, desterrar-vos-ei.

ROBERTO - Seria preferível, talvez! Quando se è forte e trabalhador, ganha-se sempre a vida, senhor Coronel, e de vez que para o pobre a injustiça impera por toda a parte, pouco importa o soffrimento aqui ou alem. Todavia vou conversar com ella.

LIMA - Toma conselho com o travesseiro, meu velho; quem me avisa meu amigo é, e, p'ra encurtar razão, com teu amo não jogues as peras. Anda d'ahi, Lulú, vamos reunir a nossa brigada de bate-pau, porque temos encrenca. (Sahem)

## SCENA VI

*Roberto e logo Julio*

ROBERTO - Não posso comprehender essa teia de aranha. Sinto que a razão do mundo está com elles: mas a justiça é que não.

JULIO - Estás pensativo e cabisbaixo.

ROBERTO - Por sua causa andamos de Herodes para Pilatos.

JULIO - Mas que fiz eu? O meu constante sonho, como sabes, tem sido melhorar a sorte dos relegados sociais. Nos campos de concentração da Russia se fez em meu cerebro a luz que fagulhara apenas nas trincheiras: senti a grande injustiça que é a dictadura do dinheiro, esse demonio moderno; conheci como a ignorancia de um povo pode concorrer para a tyrannia mesmo dos bens intencionados como Lenine; reconheci a necessidade, em vez da repressão brutal, que cria martyres e faz fanaticos, de uma discussão desapaixonada, de uma educação preliminar e pratica, preparando os espiritos para a realidade que virá após a miragem de hoje. Para tal fim procurei destruir as barreiras de classe, de fortuna, indo ao encontro do proletario, auxiliando-o no direito de conquista á existencia e ao goso.

ROBERTO - Mas não via que isso era a revolução?

JULIO - Via que era o bem e nada mais! As modificações introduzidas no regimen agricola melhoraram as condições de todos e o agro trabalho da lavoura, uma pena outr'ora, transformou-se quase em brinco. A producção augmentou-se ao impulso das machinas, da cultura intensiva e para completar o progresso da colonia, florecendo apezar da guerra tenaz, conto criar aqui as indistrias mais necessarias á vida: conquistaremos assim o sonho do homem livre na terra livre.

ROBERTO - E querem por isso comer a gente viva. Ainda ha pouco me ameaçaram de expulsão se eu não conseguir reavivar o consorcio de Laura e do mestre escola, como se eu pudesse obrigar-os a uma cousa que repugna a ambos.

JULIO - Então o projectado casamento...

ROBERTO - Deu em agua de barrela. Desistiram ambos ao mesmo tempo.

JULIO - E meu pai quer obrigar-os? Porque tal insistencia?

ROBERTO - Diz ser necessario ao seu descanço esse matrimonio. Accusam o pobre Alfredo de haver lançado a má semente entre os lavradores, quando não é mais que um adepto.

JULIO - Sim, sou eu o mau pastor, o sementeiro de tempestade. Não me eximo do sacrificio, embora não ambicione gloria: a responsabilidade das reformas deve recahir sobre a minha cabeça. Pagarei com a vida, si preciso fôr, pela audacia de ter batido com o pé em terra como protesto contra a injustiça social, permitindo que uns morram apoplecticos de riqueza, enquanto nadam na opulencia, ha miseros que não teem onde recostar a cabeça e tiritam gelidos açoutados pela tempestade e pela fome.

ROBERTO - Mas é a ordem natural das cousas... Já está todo estabelecido assim e para melhorar o mundo é necessario a instrucção.

JULIO - Basta a ideia da justiça; façamos aos outros o que desejamos que nos façam; executar somente trabalhos que se prendem á perfectibilidade das especies; nivelar todos os homens na harmonia pela existencia, eliminando os monstros dos bordeis e das tavernas, todas as parasytas, emfim, vivendo á custa do productor. É isto o que chamam a má semente, que eu tento implantar: a igualdade no direito, a nobilitação do trabalho, a morte do lenocinio, do roubo, da guerra, do parasytismo afinal.

ROBERTO - É verdade, talvez, mas nós que o ouvimos somos os perseguidos, somos os culpados e querem que empreguemos a força em casos de coração.

JULIO - Porque visam do matrimonio a concentracao das fortunas e dos privilegios, sem curarem da perfeição da especie. Si o Lima não fosse um argentario, minha irmã o desposaria? Estaria o seu lar cheio de miseros opulentos que se estiolam á mingua de seiva? A mola real da sociedade moderna é o dinheiro, como si elle fosse capaz de constituir felicidade. É o castello que meu pai fantasiou para mim com uma alliança rica, mas que desprezo por um ideal mais elevado.

ROBERTO - Queira Deus que não desepere o Coronel, levando-o a commeter violencias.

JULIO - Meu pai, bem que autoritario, é intelligente, e bom e comprehenderia o meu sonho de equidade; si não aplaudisse todas as

reformas, fecharia os olhos vendo que eu não me havia illudido; mas como sombra implacavel tem aquela alma excecranda de meu tio, com um conservatismo ferrenho, anathematisando o progresso, querendo obrigar a humanidade a permanecer estacionaria, como se na natureza tudo não evoluisse para a perfeição.

## SCENA VII

*Os mesmos, Alfredo e Lavradores.*

ALFREDO - Venho a correr. O senhor Lima, com alguns scelerados, ameaça a minha liberdade com o antigo tronco de escravos. É uma nova infamia. A violência é sempre condemnavel, mas, que devemos fazer num caso tal?

JULIO - Repelir o despotismo que fere o direito á livre existencia. Unamos-nos todos, camaradas, formando uma muralha contra a onda invasora.

ROBERTO - Seria de mais prudencia que o Mestre desposasse Laura, que o sr. Julio fosse á cata de dote lá na capital e voltaria tudo ao que era d'antes.

JULIO - E a injustiça continuaria a planejar ahi, o esbulho do productor proseguiria na mesma sanha e todo esse inicio tão belo e tão promissor de solidariedade humana permaneceria para sempre sepulto na voragem da ambição... Não quero essa mulher que não amo e nem me submeto a mentiras sociais. Dei o primeiro passo e hei de ascender a montanha destruindo as barricadas, ou tombando morto.

ALFREDO - Ter-nos-á a seu lado na estrada da redempção.

## SCENA VIII

*Os mesmos, Lima, Lulú e camaradas.*

LIMA - Cá está o méco! Corda no bicho e tronco com elle rapaziada. Levem-o amarrado como um porco, p'ra respeitar as cousas sagradas.

JULIO - Não sei a quem se refere, meu tio, nem o que entende por cousas sagradas. Aqui estão os homens, mais humanos do que o senhor, respeitando a liberdade dos outros, para que respeitem a delles.

LIMA - Felizmente não resamos pela mesma cartilha, senhor meu cunhado. Esse biltre anda a pregar por ahi a igualdade entre os homens e o communismo dos bens.

LULÚ - Teve o atrevimento de me chamar pro eito.

JULIO - Entretanto, meu tio, Platão, que não conhece, o Christo, que julga venerar, pregaram a mesma cousa. Acha justo que uns trabalhem, produzam, com immensa pena, enquanto outros que nada fazem uzufruam o fruto do alheio trabalho? E porque um homem é mais escuro, menos favorecido pelo acaso de nascimento, atrophiado pela natureza, não tem, então, o mesmo direito á vida que um outro accumulado de dotes?

LIMA - De vez que não são iguaes...

JULIO - Não são iguaes, porque trajam as mesmas vestes, tenham o mesmo physico e comam os mesmos acepipes, mas sim no dever do trabalho, no direito á injustiça, que é a solidariedade transformando a especie humana numa familia immensa.

ALFREDO - Para reerguer os relegados sociais, adquirir o bem estar para todos, sacrificaremos a propria vida.

LIMA - Bico, atrevidaço! Camaradas, corda no marreco.

JULIO - Afastem-se! Com que direito querem prendel-o?

LIMA - Com o de auctoridade e de mais forte.

ALFREDO - Qual é o meu crime?

LIMA - Isto será esclarecido depois. Vamos, rapazes, sinão irão vocês pro tronco. (Elles avançam)

JULIO - para traz, já disse!

LIMA - Cobardes! Prendam o maroto!

JULIO - (Fazendo-lhes frente com o reвольver) O primeiro que avançar um passo, morre como um cão.

LULÚ - Com arma de fogo não se brinca, nhô pai.

## SCENA IX

*Os mesmos, Coronel e Laura*

CORONEL - Julio! Estás louco, meu filho?!

JULIO - É a violência contra violência! Vós tendes a força da lei com um caudal de esbirros; nós temos a força da justiça que nos manda viver e ser livres.

ALFREDO - E tudo arriscaremos em prol desse direito.

ROBERTO - Qual o nosso crime, afinal?

TODOS - Sim, qual é?

CORONEL - Cultivaram as minhas terras e lançaram mãos criminosas em seus productos.

ALFREDO - Mas era o nosso proprio trabalho.

TODOS - Sem duvida.

CORONEL - Seja, não quero polemicas. A minha ultima e irrevogavel vontade é: Laura desposará Alfredo, os trabalhadores voltarão ao salariado e ás 12 horas de trabalho, ou sereis despedidos e o mestre preso como chefe de sediciosos.

ALFREDO - Não podemos obedecer aos seus caprichos.

LAURA - Seremos livres no seio de uma humanidade escrava.

TODOS - Sim! Sim!

LIMA - Nada de meias medidas, compadre: rua com elles e tronco no marreco.

LULÚ - Xilindró nelles, vovô.

ROBERTO - Isso é o que veremos: a mim, também, já vae subindo a mostarda.

CORONEL - Que! Todos se revoltam? Estão despedidos.

JULIO - Meu pai!

CORONEL - Não ha apelo: sahiam todos e poderás acompanhá-los, se te apraz.

LIMA - Bravo, compadre!

LULÚ - Isso vovô!

JULIO - O odio e a violencia, meu pai, dão maus fructos e produzem cegueira interceptando mesmo as verdades luminosas. Ninguem sahirá daqui, lh'o affirmo.

CORONEL - Tenho soldados para executarem as minhas ordens.

ALFREDO - Temos coragem para resistir aos vossos esbirros.

CORONEL - Vencerão pela violencia.

JULIO - Mortos, embora, permaneceremos aqui. Sou maior! Estas terras e a fazenda, que são de todos, porque são minhas, tocaram-me em herança materna. Poderá ficar, partilhar connosco o fructo do labor commum.

LULÚ - E esta agora nhô pai!

CORONEL - Tens razão! Mas eu não posso permanecer aqui porque a tua reformadora loucura é um crime. Ficarás maldicto de teu pai, esquecido de teus irmãos.

JULIO - Quem é meu pai e quaes são meus irmãos? A minha família se compõe dos que me seguem na sublime tarefa em prol da perfectibilidade humana.

LAURA - Somos todos nós.

CORONEL - Excellente doutrina a vossa: Desorganisastes o trabalho, destruistes a auctoridade, matastes o capital, e chamais a isto perfeição!

LULÚ - Desrespeitaram as ordens de nhô pai.

LIMA - Uma auctoridade, um chefe político desacatado pela perrada. Mau pastor é que tú és.

JULIO - Sou o mau pastor, o semente da tempestade, seja! Eu não vim trazer a paz entre vós, porque porque para trazel-a era mister que eu pregasse a guerra e a hypocrisia, fazendo na vossa sociedade a prostituição do pobre e o adulterio do rico; era preciso tolerar o esbulho de uma classe, morrendo de miseria e de tranalho, para fornecer a opulencia e o luxo a uma outra classe que se estiola nas orgias e no ocio. Eu combato a caserna, o alcouce e a taverna, symbolisando a auctoridade, a mentira e o capital.

CORONEL - Tirarás bom fructo dessa má semente.

JULIO - Sim; nós espalharemos pela terra a má semente que produz o amor, a solidariedade humana, a nobilitação do trabalho, a morte da prostituição, do servilismo e da miseria, enquanto vós diffundis a boa semente do esbulho, da divisão de classes, da hypocrisia, da guerra e do lenocinio. Camaradas, são dous caminhos que se abrem ante vós: um leva ao salariado ou á escravidão; o outro conduz ao communismo, que é a liberdade! Qual dos dois quereis seguir?

TODOS - Permaneceremos comvosco.

ALFREDO - Bem vê, o germen abriu-se em promissora messe e a chrysalida transformou-se e vòu em busca de nova luz, atravez do futuro.

LAURA - É a primeira cellula! Outras surdirão depois, formando de toda a terra uma patria commum.

CORONEL - Si elles tivessem razão...

LIMA - Era o fim do mundo!

LAURA - É a realização de um paraizo que o homem ha de conquistar á força de trabalho e á força de saber.

LULÚ - Vamos embora, nhô pai.

LIMA - Partamos compadre, o nosso lugar não é aqui, entre loucos.

CORONEL - Quem sabe? (Olha Julio, titubeia e parte.)

JULIO - É a noite que desaparece, é o passado que se amedronta; deixal-os. Na ambula do oriente surde a aurora de um novo dia e os primeiros homens livres podem respirar desafogados sobre a terra livre - a mãe commum.

FIM

## **OBRAS DO MESMO AUTOR**

A MULHER  
Romance realista

O MESTIÇO  
Romance realista

O CABOCLO  
Romance realista

A CAPITAL  
Romance realista

NO CIRCO  
Romance social

O JUBILEU  
Romance social

VULCÕES  
Romance social

### *THEATRO*

O DEMÔNIO MODERNO  
Drama em três actos, a publicar

CÁ E LÁ... AGUIAS HA  
Comedia em tres actos, a publicar

Typ. Renascença